

Ensaio a construção de um Campo Social para o Turismo: o Caso da Modernização Turística de Alagoas

Daniel Arthur Lisboa de Vasconcelos¹
Edson José Gouveia Bezerra²

Resumo:

O presente artigo, de caráter ensaístico, visa a contribuir para reflexões sobre como algumas categorias criadas e aplicadas aos estudos sobre a sociedade, pelo Sociólogo Pierre Bourdieu, podem ser utilizadas como ferramentas para os estudos em Ciências Sociais Aplicadas, conseqüentemente, para as abordagens sociológicas acerca do Turismo. Destacando o conceito de Campo Social, tentaremos, no decorrer do texto, ensaiar a construção de um Campo Turístico focado no caso da Modernidade Alagoana contemporânea. Intenta-se demonstrar, desse modo, que tal forma de construção teórico-epistemológica pode ser metodologicamente aplicada a estudos sobre as territorialidades criadas pelo processo de turistificação do espaço, e que os estudos acerca da temática aqui delimitada podem ser campo fértil para discussões sobre possibilidades metodológicas que levem em consideração a obra desse autor e seus desdobramentos teóricos.

Palavras-chave: Campo Social. Turismo. Modernização.

¹ Mestre em Sociologia. Bacharel em Turismo. Professor Assistente da Universidade Federal de Alagoas - UFAL. daniel_tur@hotmail.com

² Doutor em Sociologia. Professor Efetivo da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL. bezerra57@hotmail.com

Introdução

Este ensaio fundamenta-se nas categorias modernização (Giddens, 2003), turistificação (Vasconcelos, 2005), e nos valores estabelecidos pela produção social do espaço. Utilizamos, ainda, para discutir as relações sociais no território, os conceitos de *habitus* e de campo social (Bourdieu, 1989; 1992).

Para concatenar, em termos metodológicos, a realidade de uma modernização turística alagoana, recorreremos a uma construção com suporte da teoria do campo social (o que nos auxiliará na discussão a respeito do território) com base nos preceitos de Pierre Bourdieu. A obra desse autor tem uma peculiaridade que o destaca da maioria dos cientistas sociais, que é a ênfase em um método relacional, antiessencialista, na qual ressaltamos as concepções de *habitus* e de campo social.

Na tentativa de encontrar um elemento teórico de mediação entre o ator social e estrutura, Bourdieu reinterpreta o antigo conceito de *habitus* (da tradição tomista-escolástica, e a aristotélica - *hexis*), evidenciando sua recusa às concepções essencialistas e polarizadoras nas ciências sociais.

o *habitus*, como indica a palavra, é um conhecimento adquirido e também um haver, um capital³ (de um sujeito transcendental na tradição idealista) o *habitus*, a *hexis*, indica a disposição incorporada, quase postural – [...] de um agente em ação [...] (Bourdieu, 1989, p.61).

Em sua teoria devemos entender a concepção do *habitus* como uma tentativa de explicar a maneira como o indivíduo orienta a sua ação social, produzindo relações sociais que tendem a reproduzir outras ações individuais. Desse modo, o conceito é capaz de conciliar as aparentes oposições teóricas entre a realidade dos indivíduos e a realidade objetiva das estruturas sociais. No entanto, a existência de *habitus* não se dá sem a correspondência no campo social.

Da mesma maneira o autor procedeu ao começar a utilizar-se do conceito de campo. A determinação em tentar romper com a antinomia entre as concepções objetivo-idealistas e as

³ Bourdieu (1992) preceitua que os atores detêm a posse de certas variações do capital econômico (o cultural, o social, o simbólico, etc.), o que condiciona seu *habitus* de classe e seu posicionamento no espaço.

perspectivas estruturalistas levou Bourdieu a teorizar sobre uma percepção do campo social como um “campo de produção, como espaço social de relações objetivas” (Bourdieu, 1989, p.64). Defendendo a noção de que a construção do objeto de pesquisa é decorrente da contextualização, e não da imposição de conceitos de universos teóricos “prestigiosos” e descontextualizados, Bourdieu (1989), no momento da concepção de sua teoria geral dos campos, viu-se em meio a algumas propriedades gerais do funcionamento desses.

A teoria geral [...] dos campos permite descrever e definir a *forma específica* de que se revestem, em cada campo, os mecanismos e os conceitos mais gerais (capital, investimento, ganho), evitando assim todas as espécies de reducionismo, a começar pelo economicismo, que nada mais conhece além do interesse material e a busca de maximização do lucro monetário. Compreender a gênese social de um campo, e apreender aquilo que faz a necessidade específica da crença que o sustenta, do jogo da linguagem que nele se joga, das coisas materiais e simbólicas em jogo que nele se geram, é explicar, *tornar necessário*, subtrair ao absurdo do arbitrário e do não motivado os actos dos produtores e as obras por eles produzidas e não, com geralmente se julga, reduzir ou destruir (Bourdieu, 1989, p. 69).

Para Bourdieu (1989), os campos são territórios estruturados de postos, nos quais as propriedades dependem das posições de agentes sociais, nestes territórios, *podendo essas ser analisadas independentemente das características de seus ocupantes*. Os campos se configuram, dentre muitos aspectos, pela definição dos objetos de disputas e dos interesses específicos entre seus agentes. Tais objetos e interesses são percebidos por indivíduos com socialização e *habitus* relacionados a esse campo.

Não obstante a especificidade de cada campo, existem leis gerais invariáveis e propriedades particulares que se expressam como funções variáveis secundárias. São características gerais dos campos sociais, as quais elencamos a partir de Bourdieu (1989): relações de poder entre os agentes ou as instituições engajadas no campo; relações em busca do monopólio da violência legítima; diferentes posses do capital simbólico; determinados interesses comuns entre os agentes.

Assim, através de um campo específico, podemos ter auxílio na compreensão de outros. É nesse sentido que a teoria do campo social se aplica nesse ensaio, pois apesar de estudarmos

um caso delimitado, a configuração desse campo social pode nos ajudar a compreender as aproximações em campos sociais – territórios - de outros lugares turistificados.

Territorialidades, Turismo e Modernização em Alagoas

Fenômeno recente e que vem desenvolvendo a sua estrutura de redes globais a partir da década de 1970 do século passado, o turismo tem se revelado enquanto uma atividade a qual, em suas particularidades, tem que ser compreendida enquanto um processo inserido nos parâmetros de expansão da modernidade⁴.

Mediante o exposto, podemos falar não de uma, mas de modernidades enquanto processos situados a partir de conjunturas históricas, econômicas, geográficas e seus dispositivos. Enquanto processos situados é que identificamos nestes, dois tipos de modernidade – uma modernidade vazia e uma modernidade situada. No encaminhar das diferenças, enquanto a *modernidade vazia* é movida em dominância por uma relação com o local através de parâmetros cartesianos de uma relação meramente instrumental, os parâmetros de uma

⁴ Problematizando a modernidade, Giddens refere-se a ela enquanto um “estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência” (Giddens, 2003, p.11). Segundo esse autor, ela opera através de um conjunto de discontinuidades, cujo ritmo, sendo veloz, a sua amplitude é global, multidimensional, operando o capitalismo enquanto uma força avassaladora, o qual, em nível global tem acelerado processos de divisão de trabalho, estando ainda dentre as mudanças, a alteração da relação tempo e espaço, um desencaixe das relações sociais, e como consequência, uma reordenação reflexiva de relações sociais. Ainda segundo Giddens, se na sociedade pré-moderna a reflexividade era subordinada à tradição, com o advento das relações da modernidade, essa reflexividade tornou-se base para reprodução do sistema, produzindo conseqüentemente autonomia e oportunidades de escolha ao sujeito no seu modo de vida, agora livre do peso das tradições.

É a mesma direção a que nos leva David Harvey no sentido de apontar, na modernidade, a perda da sacralidade do passado ao assinalar a transitoriedade das coisas. Segundo ele: “Se a vida moderna está de fato tão permeada pelo sentido do fugidio, do efêmero, do fragmentário e do contingente [...] *A transitoriedade das coisas dificulta a preservação de todo sentido descontinuidade histórica*”. (Harvey, 1992, p. 22, grifo nosso).

Ao perguntar sobre o que é ser moderno Canclini questiona esta realidade a partir das seguintes constatações: “é possível condensar as interpretações atuais dizendo que quatro movimentos básicos constituem a modernidade: um projeto emancipador, um projeto expansionista, um projeto renovador e um projeto democratizador” (Canclini, 2005, p.31, Grifo nosso). Das quatro características apontadas, destacamos ser o *projeto expansionista* a principal característica, do que estamos apontando da *modernidade vazia*, todavia, apenas no sentido de acumulação e concentração de poder e de renda.

modernidade situada se instalam enquanto estratégias de desenvolvimento a partir de um desentranhamento das particularidades locais sufocadas pelas teias das relações instrumentais.

Filtrada através de uma percepção estruturada a partir do senso comum, no geral as atividades turísticas são percebidas enquanto atividades planejadas para a produção do ócio, *exotismo* e *deslocamento*. Contudo, a totalidade da atividade turística está longe de se esgotar nesses movimentos, uma vez que, em suas várias interfaces (econômicas, culturais, e sociais), o turismo é um fenômeno sobredeterminado, e, enquanto tal, portador de um grande potencial na produção de impactos socioculturais e na formação de territorialidades. Dentro dessa perspectiva é que se consolida um processo estudado por Knafou (2001), Banducci Jr e Barreto (2001), Cruz (2003), entre outros, denominado *turistificação*⁵.

Nesse sentido é que se torna imprescindível aos pesquisadores do turismo e de suas interfaces sócio-espaciais, *observar, mensurar e criticar* o somatório das suas práticas no que se refere aos seus impactos sobre as relações socioculturais nos lugares, no entendimento de que, sendo o mesmo impulsionado por uma dinâmica social global marcada pela *cultura de consumo* (Featherstone, 1995), os lugares turísticos têm se tornado mercadorias simbólicas, geradoras de capital cultural⁶, nas intrincadas teias de relações sociais atreladas aos fluxos e aos refluxos nos campos sociais, determinados pelo mercado globalizado.

Em se tratando das situações locais e regionais do Estado de Alagoas, não obstante existir nas geografias alagoanas as evidências para a possibilidade de articulação das evidências para a construção de uma ampla variedade de roteiros turísticos, nas mais variadas segmentações (*turismo cultural, turismo religioso, turismo ecológico, etc.*) o atual modelo de turistificação que se pratica no Estado se encontra ancorado nos movimentos de rotas, as quais, em sua dominância, têm se consolidado enquanto uma atividade que vem se solidificando sob os

⁵ Vasconcelos (2005, p.49) conceitua que o processo de turistificação implica “no (re)ordenamento ou na (re)adequação espacial em função do interesse turístico. É uma interação entre fixos (território, paisagens...) e fluxos (capital, pessoas, padrões e valores culturais), que influencia as diferentes esferas da organização socioespacial.”

⁶ Pierre Bourdieu desenvolveu esse conceito. Segundo Featherstone (1995, p.48), Esse autor apontou três formas de capital cultural: “corporificado” (estilo de apresentação, modo de falar, beleza pessoal, etc.); “objetificado” (bens culturais como pinturas, livros, máquinas, edifícios, etc.); “instucionalizado” (como as qualificações educacionais).

enunciados de Sol e Mar, que mesmo sendo uma tendência natural do turismo de massa nas regiões intertropicais e, especificamente, no Nordeste Brasileiro, no caso de Alagoas, a sua dominância tem se mostrado devastadora enquanto um turismo de massa sob o binômio de Sol e Mar que, em sua permanente expansão, tem se desenvolvido em detrimento de outras tipologias turísticas.

Delineando um Campo Social na Modernização Turística de Alagoas

Em particular, a instalação dos processos *de modernidade e modernização* em Alagoas pode ser esclarecida se atentarmos, tanto para a permanência dos traços de um *habitus de origem* das elites alagoanas, bem como ainda, para o tipo de relação que as mesmas mantêm para com o local, e, particularmente, à relação das mesmas no que se refere aos os patrimônios das culturas populares alagoanas. Aprofundando as particularidades, se diante de um *habitus de origem* alagoano nos deparamos com uma elite historicamente identificada por um *baixo nível cultural*⁷, de práticas de *violência*⁸, de *exclusão*⁹ e, sincronicamente nos deparamos com a mesma elite, a qual, identificada a partir de parâmetros da construção de um olhar voltado para o *local*, pode ser enquadrada em três categorias-tipo¹⁰:

1) A de uma *minoria de elevado padrão cultural e historicamente alheia ao consumo e visibilidade no que se refere às culturas populares*.

⁷ Uma vez que por aqui não herdamos, nem a presença do colonizador português culto, como foi o caso de Pernambuco e Bahia, nem da presença holandesa, como foi especificamente o caso de Pernambuco.

⁸ Enquanto um dos marcos da formação cultural das elites alagoanas está a *matança genocida dos Caetés* e da destruição da *República de Palmares*

⁹ Mecanismo o qual, vai se expandir e se consolidar após a expulsão dos holandeses e da destruição da República dos Palmares, com o desenvolvimento da economia da cana-de-açúcar.

¹⁰ Tipologia que, por sua vez, ilustra as propriedades comuns aos campos sociais teorizados por Pierre Bourdieu (1989): relações de poder entre os agentes ou as instituições engajadas no campo; relações em busca do monopólio da violência legítima; diferentes posses do capital simbólico; determinados interesses comuns entre os agentes.

2) A de *uma minoria de elevado padrão cultural*, consumo dos produtos tradicionalmente canonizados nos critérios de elevado padrão cultural (*bons filmes, teatros, cinema, ballet, etc.*) e com uma percepção saturada no tocante as *culturas populares*¹¹.

3) Finalmente, a de *uma esmagadora maioria extremamente rica e poderosa*, que tem como uma de suas características dominante, um *baixo nível de consumo cultural*.

A partir desta primeira clivagem, se atentarmos para as escolhas culturais, através das quais as elites alagoanas escolheram como *símbolos de status*, as evidências sinalizam que as suas escolhas têm sido direcionadas para a posse de três tipos de bens: *a posse da terra*, *a exibição de bens suntuários*¹² e, finalmente, para a *posse do poder político*¹³. No geral, historicamente tem sido esta espécie de “santíssima trindade” que tem articulado as práticas políticas e os sujeitos nos processos da instalação de uma *modernidade alagoana*. Todavia, esmiuçando o empírico, as evidências indicam que os processos de *modernidade* e *modernização* os quais, ao longo do tempo vêm sendo implantados, têm sido processos protagonizados e articulados pela primeira e terceira categorias.

É justamente a partir do domínio destas minorias que deve ser contextualizada a problemática do turismo alagoano (um campo social específico) e suas perspectivas, tanto de expansão, bem como ainda diante das possibilidades do desenvolvimento de outras alternativas, uma vez que, têm sido àquelas duas categorias (*uma minoria de elevado padrão cultural e historicamente alheia ao consumo e visibilidade no que se refere às culturas populares* e *uma esmagadora maioria extremamente rica e poderosa*, como um *baixo nível de*

¹¹ Um segmento à parte dentro desta categoria são os *folcloristas*. No articulado das classes dominantes, eles constituem uma exceção. Filhos ou intelectuais atrelados à aristocracia agrária alagoana, eles formam uma camada a parte. Em geral, eles fogem aos hábitos das elites dominantes. Muito embora politicamente conservadores, o papel dos *folcloristas* deve ser contextualizado em sua ambigüidade enquanto grupo envolvido num duplo papel: sujeitos oriundos das classes dominantes e portadores de uma visão senhorial da *cultura popular* – do popular preservado das transformações e também de preservadores e mantenedores das culturas populares, e, enquanto tais, *enraizados*, mas apáticos a posicionamentos políticos no que se refere ao somatório das exclusões. É nesse contexto que devem ser pensadas as obras e a trajetórias de intelectuais como Theo Brandão, José Aloísio Vilela, José Maria de Melo, etc., e também ainda os estudiosos da cultura negra – Abelardo Duarte, Artur Ramos, Manoel Diegues Jr. etc.

¹² No particular da exibição de bens suntuários – automóvel, casas de praia, condomínios de luxo, etc.

¹³ Neste caso, basta atentarmos para a permanência histórica da luta pelo poder dos grupos políticos no que se refere à conquista de cargos, tanto no executivo, bem como ainda no legislativo através da intrincada rede de crimes de morte e de toda a teia de corrupção que tem sido desbaratada pela Polícia Federal na última década.

consumo cultural) que têm sido responsáveis pela consolidação do atual modelo de turistificação em Alagoas.

Em particular, a emergência do turismo no alagano fica por conta de que, ao contrário do fomento das práticas alternativas ocorridas em outros estados¹⁴; em Alagoas, o turismo não tem se desenvolvido através da mediação dos patrimônios e das manifestações culturais situadas, sendo este um dos impasses dessa atividade em Alagoas¹⁵. Tal problemática deve ser aprofundada a partir de dois movimentos: o primeiro se refere às possibilidades de ser o turismo uma das possibilidades de desenvolvimento do Estado¹⁶, e o segundo, atrelado ao primeiro, diz respeito às negativas conseqüências no que se refere a total dominância do atual modelo turístico e de seus impactos no que se refere ao desenvolvimento local.

No que se refere ao primeiro movimento – as possibilidades de desenvolvimento – este decorre de ser o turismo apontado como uma das atividades mais emergentes em nível mundial. Segundo Cruz (2000), o crescente desenvolvimento econômico do turismo é ao mesmo tempo causa e conseqüência de sua dinâmica sócio-espacial. Conforme a autora:

Os “números de turismo” indicam que a atividade suplantou a indústria bélica, nos últimos anos do século XX, em volume de capital transacionado, e que está muito próxima de atingir valores iguais ou superiores àqueles gerados pela indústria petrolífera, primeira no ranking mundial. Estatísticas oficiais mostram, ainda, que a atividade turística apresenta números expressivos, também, no que se refere a deslocamentos de fluxos, à mão-de-obra empregada, à geração de renda, etc. (Cruz, 2000, p.08).

Já no que se refere ao segundo movimento, trata-se do impacto e das expectativas sobre a possibilidade da construção e consolidação de um espaço turistificado atrelado a referenciais identitários alagoanos, quando se compreende ser, esse espaço, uma construção, pois

¹⁴ Sem maiores detalhes, basta pensarmos na persistência do *turismo cultural e histórico* em outros estados nordestinos, sendo Pernambuco e Bahia exemplos. Nesses estados, diante da existência de um turismo de massa voltado para o binômio *Sol e Mar*, também se desenvolvem as práticas do turismo histórico e cultural.

¹⁵ E aqui se torna perfeitamente legítima a pergunta: impasse para quem? A partir de onde está havendo um impasse? Quais forças ou a partir de onde está havendo esta visibilidade, uma vez que o turismo que se desenvolve em Alagoas, continua inserido no mesmo modelo de concentração de capital das elites alagoanas?

¹⁶ Há visto ser atualmente, o turismo, a segunda maior atividade econômica do Estado.

conforme explica Rodrigues (2001) “o espaço turístico resulta, (...), de captação do imaginário coletivo na tentativa de resposta. Por outro lado, o espaço criado é reforçado pela mídia, a qual produz e reproduz as práticas em espaços geográficos esquadrihados e determinados por critérios meramente instrumentais”. No fundo, no esmiuçar destas práticas, nos deparamos com a identificação de Foucault (1985), de que toda geografia é política.

Sendo Alagoas um Estado portador de rica e diversificada formação geográfica (extensa área litorânea, zona da mata, planaltos, lagoas, mangues, rios, agreste e sertão) por dentro a qual se espalha um rico acervo histórico e cultural, a problemática que se coloca, em si mesma reveladora de uma das variáveis de nosso colonialismo cultural, é justamente sobre o tipo de exploração turística que atualmente se desenvolve de forma predominante nesse Estado: o turismo massificado, em detrimento de outras possibilidades (*turismo cultural, turismo ecológico, turismo rural, turismo de negócios, turismo comunitário*¹⁷, etc.) uma vez que aquele, além das particularidades inerentes ao seu modelo (poluição, desprezo pelo patrimônio, alheamento para com as características locais, etc.), tem se caracterizado pela maciça predominância do Sol e Mar. Tem sido esse o principal índice nas pesquisas sobre os estímulos da procura dos pacotes turísticos com destino para Alagoas, visto que, as estatísticas da Secretaria Estadual de Turismo indicam que mais de 90% dos turistas que visitam o Estado são atraídos para o litoral.

Esses dados são reveladores e devem ser comparados, diante das possibilidades do desenvolvimento de outras alternativas de roteiros turísticos, os quais, devido às suas particularidades de inclusão social, teriam capacidade de favorecer a inserção no mercado de amplas parcelas da população de baixa renda, não apenas para as camadas pobres residentes nas imensas áreas lagunares, mas também da inserção, no circuito das trocas, camadas de baixa renda dos moradores residentes nas dezenas de cidades históricas atualmente postas totalmente às margens diante do atual e dominante modelo de turistificação.

¹⁷ Esta última possibilidade emerge como novo paradigma de resistência, de um tipo de turismo situado, perante o Turismo massificado. Vide coletânea organizada por Bartholo; Sansolo e Bursztyn, e Divulgada pelo ministério do turismo.

Na prática, a questão passa necessariamente pela construção de políticas públicas¹⁸ voltadas para o setor, na compreensão do que poderia ser um desenvolvimento turístico a partir da construção de uma identidade cultural associada às particularidades de desenvolvimento no Estado, uma vez que, sendo Alagoas um estado maciçamente composto por culturas mestiças e *geografias culturais híbridas*, que se dividem e se espalham lado a lado ao longo do litoral e de seus interiores, até a presente data não existe, em nível governamental, um planejamento sólido voltado para a implantação de um turismo cultural para o desenvolvimento das áreas lagunares ou ainda alternativas para a diferencialidade dos municípios abundantes na construção de roteiros turísticos desenvolvidos a partir de suas referências históricas e culturais.

Neste sentido, além do lugar comum do turismo de massa, o que se verifica até o presente é a não existência de metas desenvolvidas a partir de um planejamento estratégico comprometido com o desenvolvimento de roteiros turísticos alternativos ao binômio de Sol e Mar. A maioria de nossas principais cidades históricas - Marechal Deodoro, Santa Luzia do Norte, Coqueiro Seco, Porto Calvo, Jequiá da Praia, etc. – o que se verifica nestes municípios pontuados por particularidades de roteiros históricos situados em meio à riqueza de seus patrimônios naturais e acervos arquitetônicos, é uma grande carência, tanto de infraestrutura quanto de equipamentos turísticos, bem como ainda de um cuidado dos gestores públicos destes municípios no que se refere à *preservação, visibilidade, dizibilidade e conservação* dos patrimônios culturais e naturais¹⁹, como também, a não capacitação dos mesmos no entendimento de seus espaços geográficos no que se refere às possibilidades de um *desenvolvimento sustentável* a partir do turismo.

¹⁸ Para o turismo, política pública abrange tudo o que os governos decidem fazer, ou não, relacionados ao setor (Jenkins, 1993; Hall, 1994; Hall e Jenkins, 1995 apud Hall, 2001). Para ser considerada pública uma política deve, ao menos, passar por um processo de autorização ou ratificação em órgãos públicos (Hall e Jenkins, 1995 apud Hall, 2001).

¹⁹ Lugar de referência raízes arcaicas alagoanas, a região das lagoas com seus municípios históricos – Marechal Deodoro (antiga Santa Maria Madalena da lagoa do sul) e Pilar, na lagoa Manguaba; Santa Luzia do Norte, Coqueiro Seco e Satuba, nas áreas lagunares são registros fundamentais em nossas trajetórias. E é enquanto uma referência às lagoas, o batismo totêmico: Alagoas. Desse modo o desenvolvimento de práticas turísticas naquelas regiões seria fundamental na sedimentação de um *imaginário alagoano a partir das margens*.

As Relações de Dominação no Campo Turístico de Alagoas

Aprofundando a problemática, o campo do turismo alagoano se desenha quando verificamos, como se articulam e se desenvolvem as práticas locais a partir dos interesses compartilhados entre as *grandes operadoras nacionais*, as *agências* e os *receptivos locais*, para uma compreensão situada para o tipo de articulações dos roteiros turísticos alagoanos, com a atual dominância da trajetória do turismo de Sol e Mar. Observemos:

1. Numa primeira etapa, o olhar dos empresários locais e suas escolhas, suas e articulações com a rede de capital local a partir dos contatos com donos de hotéis, pousadas, restaurantes, etc., estrategicamente situados em áreas privilegiadas do litoral;
2. Pari passu à primeira etapa montam-se, juntamente com as grandes operadoras nacionais e com os órgãos representativos do *trade* local, as imagens dos roteiros através das simulações das imagens (com o hiper-real das fotografias e os simulacros dos clips) dos roteiros de Sol e Mar;
3. Numa terceira etapa, estrutura-se o transporte, com as companhias aéreas e as empresas de transporte rodoviário traçando roteiros já previamente determinados a partir das escolhas anteriores;
4. Numa quarta etapa, as hospedagens e as refeições, também são previamente determinados a partir das escolhas (dos roteiros) e dos interesses já anteriormente articulados e compartilhados²⁰;

²⁰ Nas entrelinhas é aí que se articula um detalhe do capital. Geralmente os guias de turismo levam para roteiros turísticos viciados no Mar e Sol, e nestes locais eles são remunerados pelos donos de bares e restaurantes por cada viagem, turista, ou qualquer acerto feito entre dono do empreendimento e guia. Entende-se que neste contexto, não existe nenhum interesse dos guias em criar roteiros alternativos para as regiões das lagoas, tampouco para as cidades históricas distantes do litoral e do ganho permanente de sua comissão.

5. Finalmente, fecha-se o ciclo com o receptivo local, neles incluídos algumas localidades básicas de visitação: Piscinas Naturais, Maragogi, Praia do Francês, Barra de São Miguel, Praia do Gunga, Delta do São Francisco, etc., assim construídos com base no receituário de Sol e Mar, consolidando-se, assim, o processo iniciado na primeira etapa.

A consequência deste processo tem sido um aprofundamento das desigualdades sociais²¹ através da má distribuição de renda, na medida em que o turismo de massa, reforça a concentração do capital nas posses de uma minoria. Na prática, diante da ausência de outras práticas turísticas alternativas ao modelo dominante, como o turismo de massa, os lucros e dividendos dos empreendimentos turísticos vão ser repartidos e concentrados entre os proprietários da rede hoteleira, das agências de viagens e do complexo circuito que se desenvolve ao redor do trade turístico local: os donos dos grandes restaurantes, dos hotéis, das empresas de receptivo, etc.

Na prática, o que se consolida em consequência destes roteiros é uma sistemática invisibilidade, tanto no que se refere às multiplicidades de cenários das geografias culturais alagoanas, bem como ainda, de uma esmagadora invisibilidade da rica culinária local e das dezenas de manifestações da cultura popular de Alagoas, que se proliferam e permanecem nas diferentes geografias culturais do Estado²².

Aprofundando a questão que se refere à construção de um modelo de turistificação, alternativo ao atual modelo de turismo de massa, deparamo-nos com a clássica problemática dos paradigmas²³. Afinal, é esta a pergunta que se impõe: se um modelo esta dando certo, quais razões existiriam para se procurar outro? É esta a questão que se articula a partir do segmento das elites alagoanas envolvidas com o somatório dos interesses do turismo local.

²¹ A desigualdade, neste caso, diz respeito às reais possibilidades de desenvolvimento perfeitamente viáveis nas áreas de rios e regiões de lagoas.

²² Só para termos uma idéia sobre as possibilidades da implantação de roteiros turísticos atentos para as possibilidades de uma multiculturalidade latente em Alagoas, somente no que se refere ao vale do Mundaú-Paraíba e suas dezesseis cidades e no entorno do complexo mundaú-manguaba, nossos levantamentos indicam a existência de algo em torno de mais de oitocentos terreiros de cultos religiosos de matriz africana (Cavalcanti; Rogério, 2008). É por aí que se entende presença, nestes espaços, de uma rica variedade de manifestações das culturas populares alagoanas, todas, em sua maioria de matriz afro-alagoana.

²³ Estamos nos referindo para a problemática da questão dos paradigmas levantada por Thomas S. Kuhn (1987) sobre as possibilidades e as necessidades nas mudanças dos paradigmas enquanto explicadores das realidades científicas.

Afinal, se nas altas temporadas²⁴ a rede hoteleira está com a sua capacidade lotada, qual razão haveria para mudanças? Por que haveria de existir uma alternativa governamental ao modelo existente? Por aí se explica como se encaminha o fortalecimento da rede de conveniências e de seu agenciamento: o trade turístico indica seus representantes no setor público vinculado ao Turismo do Estado, o qual por sua vez escolhe os seus quadros técnicos viciados na eficácia do mesmo paradigma, o que na prática, implica no fortalecimento do atual modelo, perpetrando assim a permanência do atual do círculo vicioso de Sol e Mar.

Reflexo desta conjuntura têm sido os tipos de visibilidade e de dizibilidade que vêm sendo construídos sobre Alagoas pelas agências governamentais. Assim as conseqüências da consolidação do atual modelo dominante são: 1. alheamento no que se refere à identificação de nossos patrimônios naturais; 2. exceto as imagens de sol e mar, e do Rio São Francisco exclusão ou delegação a segundo plano de outras geografias culturais: rios, olhos d'água, lagoas, canais, etc.; 3. alheamento e desvalorização dos patrimônios históricos e culturais alagoanos; 4. ausência de políticas culturais efetivas, direcionadas para o nosso acervo cultural; 5. no que se refere à capital Maceió, uma grande carência de referência aos seus patrimônios e à sua vida cultural.

Considerações Finais

O percurso analítico, alicerçado na construção de um campo social do turismo em Alagoas, possibilita a percepção de que, empiricamente, a aplicação dos conceitos de Pierre Bourdieu – *habitus* e campo social – podem ser extremamente relevantes aos estudos sobre as territorialidades do turismo.

Conforme esse autor, os campos sociais são *locus* de poder, esse expresso em sua característica simbólica, ou seja, um poder invisível, que somente é exercido com a convivência dos que não querem saber que a ele estão sujeitos, ou mesmo daqueles que o

²⁴As altas temporadas. Estamos aqui nos referindo aos meses de Julho, Dezembro, Janeiro e Fevereiro.

executam. Devemos considerar, ainda, que existem semelhanças estruturais e funcionais entre todos os campos sociais (Bourdieu, 1989).

Estudos sob a perspectiva aqui adotada são úteis – e por que não, necessários? – para que os estudiosos do turismo possam exercer a capacidade teórica de se desvelar as (in)visíveis relações de poder, na maioria das vezes ignoradas pelas abordagens mercadológicas e acrílicas. Pode-se, assim, explicitar produções simbólicas – ideologias - que condicionam os mercados turísticos aos interesses de classes dominantes, como aqui o fizemos tratando das “elites alagoanas”, que constroem, com base nos seus interesses, um *habitus* coletivamente apropriado, que reproduz interesses particulares, apresentando-os a um mercado turístico localizado como tendências que atendem aos interesses gerais do espaço e dos lugares territorializados.

Enfim, esse ensaio permite-nos apontar para pesquisas futuras de como a aplicabilidade metodológica da Teoria Social de Pierre Bourdieu pode direcionar estudos e abordagens teóricas acerca das relações existentes nos campos sociais dos territórios turísticos, visto que como todos os campos sociais possuem propriedades comuns, tal empreitada teórica permite-nos almejar algum grau de generalidade em nossa proposta.

Referências

Augé, Marc. (1994). Não Lugares. Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, São Paulo: Ed. Papirus.

Banducci JR., Álvaro; Barreto, Margarita (Orgs). (2001). Turismo e identidade local: Uma visão antropológica. Campinas-SP: Papirus.

Bezerra, Edson José de Gouveia. (2007). Configurações em torno de uma Identidade Ornamental: A Emergente Identidade Cultural Alagoana. Tese de doutorado. Universidade Federal de Pernambuco: Recife, mimeo.

Bourdieu, Pierre. (1992). A Economia das Trocas Simbólicas. São Paulo: Perspectiva.

Bourdieu, Pierre. (1989). O poder simbólico. Lisboa: DIFEL.

Cruz, Rita de Cássia Ariza da. (2003). Introdução à geografia do turismo. 2. ed. São Paulo: Roca.

Cruz, Rita de Cássia Ariza da. (2000). Política de Turismo e Território. São Paulo: Contexto.

Canclini, Nestor Garcia. (1998). Cultura de Massas no Século XX.

Canclini, Nestor Garcia. (2005). Consumidores e Cidadãos. Tradução de Maurício Santana Dias, Rio de Janeiro; Ed. UFRJ.

Cavalcanti, Bruno Cesar; Rogério, Janecléia Pereira. (2008). Mapeando o Xangô – notas sobre mobilidade espacial e dinâmica simbólica nos terreiros afro-brasileiros em Maceió. In: Cavalcanti, Bruno Cesar; Fernandes, Clara Suassuna; Barros, Rachel Rocha de A. (Orgs.) Kulé-Kulé - Religiões Afro-brasileiras. Maceió: Edufal, pp.9-30.

Diegues Jr., Manuel. (2002). O Bangüê das Alagoas. Maceió: Edufal.

Featherstone, Mike. (1995). Cultura de consumo e pós-modernismo. São Paulo: Studio Nobel.

Foucault, Michael. (1985). As Palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências Humanas. Tradução de Selma Tannus Muchail, São Paulo: Martins Fontes.

Giddens, Anthony. (2003). A constituição da sociedade. São Paulo: Editora Martins Fontes.

Hall, Collin Michael.(2001). Planejamento Turístico: políticas, processos e relacionamentos. São Paulo: Contexto.

Hall, Stuart. Identidade cultural na pós-modernidade. (1997). Rio de Janeiro: DP&A.

Harvey, David. (1992). Condição Pós-Moderna. Loyola, São Paulo.

Halbwacs, Maurice. (1990). A Memória Coletiva. São Paulo, Ed. Vértice.

Hobsbawn, Eric, RANGER, Terence. (1997). A invenção das tradições. Tradução: Celine Cardin Cavalcante, São Paulo: Paz e Terra.

Knafou, Rémi. (2001). Turismo e Território: por uma abordagem científica do turismo. In: RODRIGUES, Adyr Balestreri. (Org.). Turismo e Geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais. 3. ed. São Paulo: Hucitec, p. 62-74.

Kuhn, Thomas S. (1987). A Estrutura das Revoluções Científicas. Tradução de Beatriz Viana Boeira e Nelson Boeira, 2ª edição 1987, São Paulo: Editora Perspectiva.

Rodrigues, Adyr Balestreri. (Org). (2001). Turismo e Geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais. 3. ed. São Paulo: Hucitec.

Vasconcelos, Daniel Arthur Lisboa de .(2005). Turistificação do Espaço e Exclusão Social: a revitalização do bairro de Jaraguá, Maceió-AL, Brasil. Turismo em Análise – Vol. 16. n. 1 p. 47 – 67. São Paulo. CRP/ECA/USP: Aleph, 1990. Semestral. ISSN 0103-5541.